

direção do tratamento

Uma construção do sintoma na criança¹

Maria Vitória Bittencourt

Abordar a psicanálise com as crianças coloca sempre a questão de sua especificidade, sobretudo quando se trata de crianças de dois a três anos de idade, crianças que começam a falar. Muitos pontos podem ser interrogados para diferenciá-la da psicanálise com adultos. No entanto, gostaria de retomar o conceito de sintoma para discutir a pertinência dessa distinção e seus efeitos no manejo da transferência.

Na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, Lacan faz uma releitura do caso do pequeno Hans para definir o sintoma fóbico como o resultado do encontro com a realidade sexual, realidade especificada que não existe relação sexual. A criança descobre essa realidade em seu próprio corpo, um gozo real que lhe é estrangeiro. Daí sua conclusão que não é autoerótico, mas hétero, um cavalo que vem encarnar esse estrangeiro, com a eclosão de sua fobia. Essa tese de Lacan remete ao que vai chamar de “moterialismo” do sintoma, produzido pela *alíngua*, que a criança escutou, “graças ao fato que tem um certo tipo de pai e um certo tipo de mãe”.²

Se a letra do sintoma vem condensar o gozo e o significante, como operar a interpretação com crianças que não têm acesso à escrita? Colette Soler levanta essa questão em relação ao desenho infantil e sua “visibilidade interpretativa”.³ Questão que pode também ser colocada com a criança psicótica não escolarizada. Que tipo de intervenção o analista pode efetuar nesses dois casos? Um caso clínico poderia nos ajudar a responder a essas questões.

Trata-se de uma criança de três anos e meio, considerada por todos como muito comportada, a ponto de fazer com que se esqueçam dela, sempre com a cabeça nas nuvens. Foi um bebê tranquilo demais, que nunca causou problemas, calmo demais, pouco estimulado. A professora do maternal acha que ele tem dificuldades, pois não se integra ao grupo, está sempre isolado, não fala e se movimenta muito pouco. Quando alguém se aproxima dele, ele joga os objetos, torna-se agressivo; uma vez chegou a machucar seriamente outra criança, quebrando-lhe o braço. Em casa também a mãe se preocupa, pois sendo muito fechado, ele começa a apresentar comportamentos de oposição; os outros lhe chateiam, podendo reagir de maneira muito violenta quando se fala com ele. Então, ele gosta mesmo é de ficar

1. Texto publicado na *Revue de psychanalyse Champ Lacanien* n.º 8 Psychanalyse et religion. Março 2010.

2. Lacan, *Conférence à Genève sur le symptôme* (1975).

3. Soler, *Une difficulté de la psychanalyse d'enfant* (1987, p. 7).

no seu canto e grita quando se chega perto dele: chama os adultos e as crianças de malvados, sobretudo a mãe, que força a lhe dar de comer. Uma demanda que toma uma dimensão de exigência.

Durante a primeira entrevista com a mãe, Max não se opõe entrar no consultório, mas fica ausente, nem olha para mim. Sozinho, joga com os objetos, ficando afastado no seu canto, como se não estivéssemos falando dele. Max é a segunda criança de um casal que se casou muito jovem, a mãe tendo perdido sua própria mãe antes dessa união. O sonho de ter filhos foi frustrado, e como os dois tinham problemas para procriar, tiveram de tentar fecundações *in vitro* durante muitos anos. “Por acaso”, a primeira filha nasceu entre duas fecundações, o que é descrito como um momento de alegria inesquecível para os pais. Porém, logo depois ela fica grávida de novo, gravidez “não programada”, e nove meses depois nasceu outro menino. Para esse casal jovem é como um transtorno, pois estavam ainda em plena construção da casa. A mãe confessa que a alegria de ter um primeiro filho fez com que “esquecesse” o segundo. Não somente eles o “esqueceram”, mas o terceiro filho toma todo seu tempo, pois é uma criança “muito dinâmica”. Aliás, foi com sua avó paterna que Max começou a falar.

A escolha do seu nome evoca o herói de um romance que os pais gostam muito, romance que conta da história de um órfão que, sozinho, se aventura no mundo dos adultos. Essa é uma boa descrição do casal: sozinhos no mundo dos adultos. Eles se encontraram na adolescência e, tendo problemas com suas respectivas famílias, se uniram fortemente contra as intempéries da vida.

Proponho um encontro com Max. Ocorre frequentemente que crianças pequenas, no início do tratamento, se recusam a entrar sozinhas no consultório, sem a presença da mãe. Não é o caso de Max, pois ele entra voluntariamente, quase indiferente, vai brincar sozinho no canto, não me olha e não responde às minhas perguntas. Ele se dirige à casinha de boneca, brinca com os móveis, sobretudo com a cama, que resolve deixar vazia, ignorando os personagens. Eu tento falar e brincar com ele, porém não há nenhuma reação, nenhuma resposta de Max. Ele queria ficar tranqüilo no seu canto, ignorando minha presença. Isso continua durante várias sessões, mesmo que tenha sempre dificuldade de aceitar o final, exercendo uma certa tirania, fato que lembra o que sua mãe relatou quanto às refeições.

Assim, na transferência, ele assume a posição descrita pela mãe – ele quer que esqueçam dele – transferência na vertente de repetição enquanto “modo permanente segundo o qual ele constitui seus objetos”,⁴ afirma Lacan. Max mostra o lugar designado pelo desejo da mãe que, mesmo que cuide de seu filho, deixou uma marca de seu esquecimento “particularizado”.⁵ Pouco investido do lado da mãe, Max encontrou o valor fálico no seu mutismo de oposição:

4. Lacan, *Intervenção sobre a transferência* (1957/1998, p. 224).

5. Faço referência à observação de Lacan sobre a “marca de um interesse particularizado” da mãe em *Note sur l'enfant* (1969/2001, p. 373).

um lugar de exceção. A questão que se coloca nesse momento é a estratégia da transferência, pois Max não se queixava de nada e manifestava uma satisfação de ficar nessa posição. Não querendo saber de nada, ficava mudo. A questão era fazer com que falasse para que a psicanálise pudesse operar.

Essa indiferença e isolamento me fizeram pensar numa estrutura psicótica. Como destrinchar o diagnóstico? Será que se trata de uma criança psicótica, fechada no seu mundo, numa atitude negativista? Num primeiro tempo, poderíamos pensar que esse menino, instalado na linguagem, não tinha acesso à dimensão da palavra, pois nenhum apelo vinha de seu lado.

Esse caso não deixa de lembrar o caso Dick, de Melanie Klein,⁶ comentado por Lacan no *Seminário I, Os escritos técnicos de Freud*, que traz várias indicações do diagnóstico e suas consequências na direção do tratamento.

Dick era um menino de quatro anos, descrito como desprovido de afeto, manifestando uma indiferença notável, pois não se interessava por nada, não brincava e não tinha nenhum contato com seu círculo familiar. Sua linguagem se resumia em emissões de sons, desprovidos de significação e de barulhos que repetia sem parar, sem nenhum desejo de ser compreendido. Sua mãe falava de uma atitude negativa, pois fazia o contrário do que se esperava dela. Por exemplo, quando lhe pedia para repetir as palavras, fazia de modo incorreto, o que não ocorria em outros momentos.

Logo no início, Melanie Klein questiona o diagnóstico dessa criança. Ela nota que seu comportamento de oposição não era o mesmo de uma criança neurótica, pois não se dirigia a ninguém em particular, nem a qualquer objeto, a não ser os trens, as estações e as portas: maçanetas, fechar e abrir portas. A analista não hesita em fazer um diagnóstico de esquizofrenia, em virtude da incapacidade total desta criança de suportar a angústia e a inibição excepcional de seu desenvolvimento que, segundo ela, teria suas origens na falência de todas as primeiras etapas de sua vida. Hoje em dia, poderíamos evocar o autismo, pois na época essa noção não tinha ainda sido designada enquanto tal. Somente em 1943 é que Kanner introduziu essa noção.

Lacan não contradiz esse diagnóstico, mas acrescenta que a causa se encontra em sua relação com a linguagem. Dick está totalmente numa “realidade no estado puro”,⁷ pois essa não é simbolizada. Seu eu não está formado, pois para ele não existe nem o outro, nem o eu. Os objetos existem, mas não são nomeados. O que existe para Dick é o intervalo entre duas portas – o corpo da mãe – o escuro. Para Lacan, o que está em jogo é a ausência do que chama nessa época de simbolização primitiva da lei – uma afirmação da existência da castração pelo complexo de Édipo. Dick mostra que não

6. Klein, *A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego* (1948/1982, p. 92).

7. Lacan, *O Seminário*, livro 1: *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1979, p. 84).

assumiu essa afirmação, e sua relação à linguagem se situa num negativismo, uma oposição às tentativas de intrusão dos adultos. Ele tem a linguagem, mas não a palavra. Essa palavra vai advir como efeito da interpretação edipiana de Melanie Klein, permitindo à criança simbolizar a realidade a partir desse núcleo: a linguagem se liga ao sistema imaginário, distinguindo assim o imaginário e o real. A relação à imagem só pode ser concebida pela interferência do simbólico – a imagem sempre é imagem de alguma coisa.

Lacan enfatiza a importância do diagnóstico para a direção da cura e afirma que, se a técnica de Melanie Klein pode ser discutida, ela não é dissociada do diagnóstico do caso. Assim, explica que é em função das primeiras experiências do encontro com o desejo do Outro, do Outro primordial – a mãe, a realidade sexual –, que a linguagem emerge no ser humano. Pois é por meio da interpretação do grito do bebê que a mãe introduz a dialética da demanda, respondendo às necessidades de seu organismo. Nesse período de completa imaturação, o corpo da criança, que se encontra num estado de impotência vital, depende totalmente do Outro que se ocupa dele, construindo assim as demandas. No ser humano, a satisfação das necessidades vitais deve passar pelo apelo dirigido ao Outro, o que desnatura de vez a satisfação, transformando-a em demanda de amor.

Nesse primeiro tempo, a criança faz a experiência perceptiva de sua imagem no espelho, uma imagem virtual que terá um papel decisivo na constituição do eu. Essa imagem, que captura a libido do sujeito, permite uma certa apreensão do mundo, “uma realidade virtual a ser conquistada”.⁸ De um lado, isso traz os fundamentos para que o sujeito se oriente em relação à realidade; de outro lado, abre as possibilidades de efetuar as primeiras identificações do eu, cujo valor de atividade jubilatória da criança diante de sua imagem designa um lugar no desejo da mãe. Esse lugar é fundamental para o diagnóstico, pois é por meio da introdução do falo nessa dialética da dupla imaginária, que a matriz simbólica pode se inscrever. Para a entrada do sujeito no mundo simbólico, é preciso que seja constituído como sujeito do significante, ou seja, é preciso que a operação da metáfora paterna seja efetuada, pois o suporte da imagem não basta. A percepção de uma imagem sempre pode enganar, sempre submetida à uma marca narcísica. Daí a imagem ser insuficiente para abordar o sujeito que nos interessa, o sujeito do inconsciente, efeito da linguagem, sujeito definido na estrutura significante onde o Édipo constitui o núcleo simbólico.

Assim, poderíamos pensar que Melanie Klein, com sua injeção edipiana, introduz uma instância terceira que permite o estabelecimento de uma dialética, extraindo a criança dessa “realidade em estado puro”. Ela confessa que mudou sua técnica com Dick, pois sua capacidade de representar era quase inteiramente ausente. Com

8. Lacan, *Le séminaire*, livre 5: *les formations de l'inconscient* (1957-58/1998, p. 225).

uma criança neurótica, ela interpreta o material segundo a expressão da criança (*play technique*). Nesse caso, afirma que se encontrou forçada a interpretar sobre seus conhecimentos gerais, ela falava de sua teoria, de sua invenção, o que fazia função de terceiro. Aliás, segundo a biógrafa de Melanie Klein, Phyllis Grosskurth, que encontrou Dick quando ele tinha 5 anos, ela sabia do artigo de sua analista, pois ela tinha o hábito de ler para ele as frases que se referiam a ele. Ele achava tudo “baratin”, que se ela estivesse viva, teria lhe dito “é demais”. Mas, ao mesmo tempo, confessa que gostava muito dela, pois quando ele chorava, ela lhe assegurava ao dizer: “a vida não é tão ruim assim”.¹⁰

Esse manejo da transferência nos leva a refletir, pois os efeitos são incontestáveis. Dick começa a angustiar, o que permite o acesso a seu inconsciente. Uma espécie de *agieren* que requer do analista um certo desejo decidido, desejo que não se pode negar em Melanie Klein.

Para Lacan, o acesso a seu inconsciente só é possível graças ao símbolo que se forma em Dick, sob o modo da negação. O efeito da sua interpretação é o apelo que abre à possibilidade de uma recusa – presença da negação na constituição do sujeito. O aparelho psíquico não é fechado nele mesmo, mas sempre em relação com o Outro, lugar da linguagem. Um Outro que não é completo, pois como Dick afirma depois de uma outra interpretação da analista: “Pobre coitada, Melanie Klein”.

Voltemos a Max. Do ponto de vista dos fenômenos, poderíamos dizer que Max, assim como Dick, está na linguagem, mas não na dimensão da palavra, do apelo. Daí, será preciso concluir que se trata de uma estrutura psicótica? A sequência do caso vai nos mostrar uma outra posição subjetiva, pois do meu lado, persisto no fato de estar ali, numa espécie de presença falante que ele aceita mesmo que não me olhe, me ignorando solenemente. Eu nomeio os objetos que ele pega para brincar como um porta-voz de sua atividade lúdica.

Após várias sessões, Max começa a responder algumas perguntas, com uma voz bem baixinha, com monossílabos, sussurrando “sim” ou “não”. A primeira entrevista com o pai em sua presença vai trazer efeitos muito importantes para a continuação da cura. Com efeito, ele é jovem, como a mãe, também esgotado com essa família numerosa. Ele fala da preocupação com seu filho e também de seus problemas quando tinha a idade de Max. De uma família muito fechada, ele acha que seu filho tem os mesmos defeitos que ele: reservado, isolado e passivo. Aliás, foi por essa razão que viu um psicólogo quando era pequeno. Pareceu-me que “pequeno” era um significativo privilegiado nessa família em que não haveria “os grandes”, pois era o que Max encarnava, tornando-se o tirano desse círculo familiar.

Depois dessa entrevista, tento brincar com Max e os móveis,

9. Gíria que quer dizer uma bobagem

10. Grosskurth, *Melanie Klein: son monde et son oeuvre* (1990, p. 342).

11. Em francês – *une grenouille et un crapaud*.

e começo a notar que ele não recusa minha presença, mesmo que não dê sinal do seu olhar. Ao mesmo tempo, a mãe me informa algo novo: Max come normalmente, sem exigir sua presença. Um dia, ele pega um animal e eu digo que é uma rã; ele me responde duramente, com uma voz bem afirmativa – não é uma rã, mas um sapo – a rã é pequena; o sapo, não”.¹¹ É a primeira vez que escuto sua voz, pois até esse momento só murmurava as palavras.

Penso que aqui Max apresenta sua teoria sexual infantil, na qual tenta resolver o enigma da diferença sexual. Ele começa a elaborar oposições significantes: macho x fêmea; grande x pequeno, que remetem à dialética de combinações binárias. Uma história começa a fazer parte de nosso diálogo, e daí em diante trata-se de construir uma casa bem fechada, para proteger o sapo das tempestades. É o que Max chama de seu “trabalho”: ele vem me ver para fazer um trabalho. Afirmando-se como menino-sapo, trata-se de construir um lugar, pois o sapo precisa de um telhado para se abrigar das intempéries e, sobretudo, do olhar dos outros. Uma ponta de angústia surge, pois me fala de seu medo de olhar os homens grandes, “o Mestre do telhado”. Começa assim a desenvolver um sintoma fóbico – medo dos homens grandes que podem matar os pequenos sintomas do qual se queixa pela primeira vez. A mãe confirma esses fatos, pois não somente ele se gruda nela quando estão na rua, com medo dos homens, como também conta seus pesadelos, seu medo de morrer, acordando à noite.

Assim, um diálogo se estabelece em torno de suas histórias, e penso na identificação com o herói do livro – órfão nas tempestades – que precisa de proteção numa casa bem sólida. Ele pede que eu guarde bem a casa do sapo para a próxima sessão, uma primeira demanda, me constituindo como um lugar onde pode depositar seus objetos. Outras demandas vão surgir, como brincar com o computador com o seu pai. O trabalho vai prosseguir em torno de construções de casa – identificação simbólica a seu pai arquiteto – com três camas e personagens humanos. Mais tarde, ele vai dizer que, quando crescer, vai ter uma caixa de ferramentas, como seu pai. Ter ou não ter o falo começaria a se introduzir na subjetividade de Max?

12. Em francês, quando se está fazendo obras em casa se diz “*des travaux*”.

Assim, o que ele chama seu trabalho – sua própria casa ainda tem “trabalho”¹² – o levou a fazer de outra maneira. O silêncio levou a fazer demandas, dando lugar a uma certa tagarelice, não sem alguns traços irônicos. No que se refere à estrutura, não podemos ainda nos pronunciar, pois tem um “trabalho” a ser feito em torno de sua escolha de aceitar ou não o que concerne à castração materna, à qual deve se afrontar.

Faço a hipótese de que, sob transferência, Max construiu um sintoma fóbico, sintoma que vem como suplência à carência paterna, um homem pequeno, sempre tentando construir sua própria

casa, impotente no que se refere a assumir o encargo familiar – aliás como todo pai. Foi a partir do momento em que Max pôde falar de sua teoria sexual, uma resposta ao encontro com a realidade sexual, que pôde sair de seu isolamento mudo, não sem a proteção do olhar do Outro, por meio do qual ele constrói o sintoma que, dessa vez, o faz sofrer. Com o sintoma, o gozo em que se havia fechado no silêncio da pulsão oral, fazendo dele um estrangeiro ao mundo que o cerca, pôde ser localizado num objeto hétero, e Max pôde, desta maneira, entrar no discurso do Outro, discurso do inconsciente.

Falamos, geralmente, de construção da fantasia na criança, para responder ao enigma do desejo do Outro. Aqui, proponho a construção do sintoma, pois com crianças pequenas, ainda tomadas pela coisa dos pais – *alíngua* que escuta – não fizeram ainda sua “entrada no real”, ou seja, estão ainda no lugar do objeto real da fantasia da mãe. É preciso um longo caminho a percorrer para se extrair desse lugar e entrar na dialética da identificação ao falo. Para a entrada do sujeito no simbólico, existe o tempo das teorias sexuais infantis, que vão promover um saber cuja origem, segundo Freud, é pulsional, operando assim uma conjunção do gozo com o significante. Essas teorias são o fundamento de uma invenção de saber que leva a criança à invenção de um sintoma. Um trabalho preliminar à resposta ao desejo do Outro que a fantasia virá estabelecer.

Para o analista, isso supõe estratégias bem diferentes, com uma presença efetiva, deixando-se dirigir, porém introduzindo a palavra, por meio da qual sua demanda se manifesta, assim como seu desejo. Encarnar um “isso fala” na transferência aqui viria frear uma posição de gozo que aprisiona o sujeito. Isso pode tomar a forma kleiniana de ler um texto ou a forma lacaniana de escrever os ditos do paciente – o famoso escriba que frequentemente suscita efeitos terapêuticos para a criança psicótica. Max me levou ao lugar de porta-voz, uma espécie de dicionário que nomeia os objetos. Isso pode evocar o lugar do Outro da linguagem, porém um Outro desejante.

Referências bibliográficas

- GROSSKURTH, P. (1990). *Melanie Klein: son monde et son oeuvre*. Paris: PUF, 1990.
- KLEIN, M. (1948). A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do ego. In: *Melanie Klein: psicologia*. São Paulo: Editora Ática, 1982.
- LACAN, J. (1951). Intervenção sobre a transferência. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1953-1954). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

- LACAN, J. (1957-1958). *Le Séminaire, livre 5: les formations de l'inconscient*, Paris: Seuil, 1998.
- LACAN, J. (1969). Note sur l'enfant. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- LACAN, J. (1975). Conférence à Genève sur le symptôme. In: *Bloc notes de psychanalyse* n° 5, Genève, 1985.
- SOLER, C. (1987). Une difficulté de la psychanalyse d'enfant. In: *La lettre mensuelle* n° 63, novembre 1987, ECF, Paris.

Resumo

Este artigo retoma o conceito de sintoma por meio de um caso clínico de uma criança de 4 anos, com o objetivo de debater a especificidade da psicanálise com crianças e as consequências para a direção da cura. Esse caso é articulado ao caso Dick, de Melanie Klein, ilustrando dessa maneira como o manejo da transferência pelo analista permite ao sujeito entrar no discurso do inconsciente por meio de um apelo, no qual se instaura a palavra.

Palavras-chave

Sintoma, direção da cura, transferência.

Abstract

This article revisits the concept of symptom through a clinical case of a four-year-old child. It aims to debate the specificity of psychoanalysis with children and the consequences towards the cure. This case is articulated to the Dick case conducted by Melanie Klein, illustrating how the management of transference by the analyst allows the subject to enter the discourse of the unconscious through a plea, where the word sets in.

Keywords

Symptom, direction of the treatment, transference.

Recebido

10/02/2011

Aprovado

06/03/2011